

“Renúncia”: de Antônio Vicente Mendes Maciel à “Antonio Conselheiro”

“Morrera por assim dizer” (Trecho de “Os Sertões”: 1984, p.109 em que o autor refere-se a transformação de Antônio Vicente Mendes Maciel em Antonio Conselheiro).

Sobre o renunciador, observou Roberto DaMatta em seu livro *“Carnavais, Malandros e Heróis”* (1987):

“O renunciador é aquele que, por uma obra do destino, decide sair da ordem por um motivo trágico — uma doença incurável, uma traição, perda de bens materiais. Ele muda sua direção deste para outro mundo através da renúncia, tornando-se um “indivíduo-fora-do-mundo” (DaMatta, 1987, p.270).

A transformação de Antônio Vicente Mendes Maciel em Antonio Conselheiro, ou seja, a manifestação plena e acabada de sua renúncia, foi percebida e anunciada na epígrafe reveladora de Euclides da Cunha: *“Morrera por assim dizer”* (Cunha, 1984, pg.109). Ela leva à um olhar atento para o ensaio euclidiano, pois mostra que o autor intui a “morte social” do seu personagem. Morte que se transforma em ressurreição quando, numa outra fase de sua trajetória, ele vai fundar um mundo paralelo construído a partir de sua individualização, conforme sugere Roberto DaMatta, quando diz que:

“Para o renunciante, a vida extramundana relativiza muitos axiomas da vida social: a sexualidade é dessacralizada, o prazer e o bem-estar pessoal são sacrificados em nome de um estoicismo fulgurante, o axioma da amizade é substituído por agendas muito fortes como o uso de emblemas individuais, a troca de nomes, etc. A reclusão engendra um nicho no qual todos os elos diários perdem a força, deixando vir à tona a vivência do isolamento e da solidão. Mas esse peso da experiência do renunciante pode ser sublimado e legitimado como “missão” ou “nova mensagem” (DaMatta, 1999).

Foi, portanto, após a desgraça, a desonra, a vergonha e a dor, dada o revés trágico que mapeou sua biografia, que Antônio Vicente Mendes Maciel deixa seu passado de caos e a tragédia pessoal para trás e assim “morre” social e psicologicamente para o mundo. Ao abandoná-lo, vê-se obrigado a abrir mão dos amigos, dos filhos que tivera com Brasilina, assim como o filho com Joana

Imaginária, estes, seus bens maiores. Porque, com a renúncia, estão rompidos os elos com o mundo social original e, desvinculado dela, ele passa a viver uma vida ascética — um estilo de existência na qual são refreados os prazeres mundanos e a renúncia ao prazer com o objetivo de atingir fins espirituais: “Uma vida ascética inclui o celibato, o jejum, a mortificação, abnegação, penitência, ou mesmo encontrar sua paz interior” (Inwwod, 2006, p. 123). Conforme reitera Max Weber (1999), uma vida ascética deve “desprezar o desfrute da riqueza; as associações mundanas e racionais; a violência entre o indivíduo contra os outros, “por paixão ou sede de vingança”, como também deve desprezar o desfrute pessoal do poder mundano” (Weber, 1999, p.365).

Dessa forma, ao renunciar à sua sociedade, as relações rotineiras são esquecidas, seu papel como cidadão, trabalhador, contribuinte e membro de uma comunidade civil deixam de existir. Não há mais a velha complementaridade com o mundo social, e novos espaços sociais são inventados. Do mesmo modo, a renúncia leva o indivíduo a despir-se de sua identidade e dos seus “acessórios” que o incluíam antes na sua sociedade original.

Por tratar-se de uma instituição social que transcende a sociedade rotineira e visível, a renúncia ao mundo permite também a plena independência de quem escolhe esse caminho. Dessa forma, o abrigo da absoluta obscuridade procurada por Antônio Vicente Mendes Maciel pode ser vista na sua pluralidade de faces, esta que já ficava evidenciada pelos diferentes nomes que adotou. Nota-se que os nomes adotados abandonam o nome de família, este que se traduz, no sistema social brasileiro, como o reconhecimento pleno da pessoa. Uma outra característica a ser observada é que os nomes adotados por Antônio Vicente Mendes Maciel configuram-se como nomes que representam a plena imitação de nome de santos, como “Antonio Conselheiro”, o santo, “conselheiro de todos”, “Bom Jesus Conselheiro”, nome da primeira igreja reerguida na comunidade de Belo Monte, assim como “Santo Antonio Aparecido”, seu santo fervoroso e padroeiro de Belo Monte. Conforme observa Roberto DaMatta (1987), “a troca de nomes expressa a passagem do *anonimato* à notoriedade como também, a igualdade e o individualismo. O nome escolhido pelo renunciador, como forma de permanecer invisível perante a sua sociedade original, revela-se em nomes que tem expressão e que denotem serem nomes fortes; são nomes que marcam uma posição na nova *missão* para a qual se propõe exercer” (DaMatta, 1987, p.320).

Dentro dessa lógica, Antônio Vicente Mendes Maciel assume outra identidade: agora é somente o “Antonio”, nome santo e o “Conselheiro”, o conselheiro de todos. A alcunha de “conselheiro”, pode ser compreendida na forma como o povo sertanejo definiu Antonio Conselheiro:

Espelhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões (Cunha, 1984, p.109).

Portanto, é nessa mudança radical de posição social, que o agora “Antonio Conselheiro”, um renunciante, pode reinterpretar e relativizar a sociedade antes inclusa e abrir novos espaços sociais e, como asseverou Louis Dumont, “O homem que busca a verdade última abandona a vida social e suas restrições para consagrar-se ao seu progresso e destino próprios” (Dumont, 2000, p.37).

A partir de sua renúncia ele pode ser visto como algo sobrenatural, nu de corpo e alma. Dentro dessa lógica, Antonio Conselheiro inicia uma vida errante, sem um olhar para o passado e para o mundo que ele havia construído seguindo solitário em direção à região do Crato, no interior do sertão do Ceará permanecendo por ali invisível por cerca de dez anos, macerando-se ao sol da caatinga: “Com pouco mais de trinta anos, aparentava ser um velho” (Cunha, 1984). Não é de estranhar que, ao passar por diversas cidadelas era logo rodeado por gente simples que o viam como um ser “mal assombrado”, mas, ao mesmo tempo, essa gente lhe lograva prestígio e respeito “agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante” (Cunha, 1984, p. 109). O povo que o acompanhava eram beatas, gente pobre, escravos e jagunços fazendo um coro de ladainhas. Descreve, assim, Euclides da Cunha a maneira como pregava improvisando palanques para que fosse escutado por todos:

“Ele ali subia e pregava, afirmam testemunhas existentes. Era assombroso, afirma testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas (...) Ninguém ousava contemplá-lo. A multidão sucumbida abaixava, por sua vez, as vistas, fascinada, sob o estranho hipnotismo daquela insânia formidável”. Era traunescos e era pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse” (Cunha, 1984, p.110).

As prédicas de Antônio Conselheiro calavam fundo na alma do povo oprimido e explorado. Em uma visita ao Ceará, encontrou o amigo de infância João Brígido (1999), e declarou: "vou para onde me chamam os mal aventurados". Consolidava-se o mito em torno da sua figura, e o séqüito que o acompanhava nas andanças pelo sertão nordestino era cada vez maior.

Durante os “dez anos de penitência” andando pelos sertões afora, “no passo tardo de um peregrino”, andara sem rumo certo, jejuando e dormindo à beira dos caminhos como “numa penitência demorada e rude”. “Não tinha dores desconhecidas. Anestesiara-se com a própria dor” (Cunha, 1984, p. 112). Vivia de esmolas, aceitando somente o necessário para o sustento de cada dia. Quando Antonio Conselheiro ressurgiu na capital da Bahia para responder as acusações de matricida e uxoricida, uma acusação pela “lenda” de ter assassinado a própria mãe e a esposa adúltera, e da qual fora inocentado, as notícias que corriam de “boca em boca” no sertão davam conta de um Antonio Conselheiro em estado lastimoso, maltrapilho e cadavérico. Já adotara o hábito azul e um regime ascético, não comendo carne, jejuando e dormindo no chão. Descreve, assim, a figura inconfundível que Euclides da Cunha imortalizou:

“... e surgia na Bahia o anacoreta sombrio; cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apóia o passo tardo dos peregrinos” (Cunha, 1984, p.113).

Euclides da Cunha chama a atenção em sua narrativa para diferentes particularidades na vida de Antonio Conselheiro após sua ”morte social”. Uma delas, por exemplo, é a passagem citada acima, que descreve a forma como Antonio Conselheiro retornara à capital da Bahia para responder aquele chamado de prisão. Esta passagem é reveladora da solidão que a renúncia engendra, sendo o corpo então mais um *locus* onde a vida “fora do mundo” do renunciador fica bem evidenciada:

“Ali, a sua fisionomia estranha: face morta, rígida como uma máscara, sem olhar e sem risos; pálpebras descidas dentro de órbitas profundas; e o seu entarajar singularíssimo; e o seu aspecto repugnante, de desenterrado, dentro do camisolão comprido, feito uma mortalha preta; e os longos cabelos corredios e poentos caindo pelos ombros, emaranhando-se nos pêlos duros da barba descuidada, que descia até a cintura – aferroram a curiosidade geral” (Cunha, 1984, p.112).

Como se vê, as recorrências expressivas presentes nesta passagem e outras que se examinou em “*Os Sertões*” (1984), Antonio Conselheiro, na leitura euclidiana é submetido a um processo desqualificador e até mesmo aterrorizador que, na visão do autor é visto como o produto do encontro dos “erros de dois mil anos” com o “obscurantismo das três raças” (Cunha, 1984, p. 116).

Outro ponto a ser destacado após a sua renúncia, remete à sua sexualidade. Cabe lembrar que Antônio Vicente Mendes Maciel casou-se, teve dois filhos e “foi pai de um terceiro menino, que tomou o nome de Joaquim Aprígio fruto da união com uma escultora de imagens de santos, conhecida por Joana Imaginária” (Montenegro, 1954, p.114). Este episódio mostra o símbolo maior de poder sexual e de reprodução. Dessa forma, sua “morte social” ficou nesse plano duplamente configurada: o terror pelas mulheres que o expulsa dos prazeres sexuais e conseqüentemente a impossibilidade de uma reconstrução familiar.

Traído pela mulher, envergonhado com o flagrante de adultério que sua própria mãe armara, o que culminou num duplo assassinato, ele nunca mais quis ver uma mulher. Fugia delas, esquivando-se fitá-las e nenhum de seus atos durante toda a sua peregrinação dera “motivo a comentários maliciosos” (Benício, 1997, p.162). O mesmo autor descreve a vida de Antonio Conselheiro em Canudos: “Dentro do santuário meditava (...). A vida anacoreta dentro do santuário da velha igreja tornou-o mais sóbrio e sombrio. Ele é um *monachus* e assim, entra na seqüência dos famosos monges do deserto da Antiguidade cristã no Egito, na Síria...”. Na página 114 de “*Os Sertões*” Euclides da Cunha diz:

“O frígido pregava-a, talvez como o cearense, pelos ressaibos remanentes das desditas conjugais. (...) a beleza era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo ao mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas, mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros (Cunha, 1984, p.114).

Ivana Bentes¹ recolheu um depoimento de uma mulher, D. Júlia, na região de Canudos, alusivo a esse episódio:

“O Conselheiro não gostava muito de mulher porque foi enganado pela própria mãe que se vestiu de homem pra provar que a esposa dele era fácil. Mulher com o

¹ Pesquisadora e doutorada pela UERJ em Comunicação e Cultura.

Conselheiro era de cabeça baixa e longe. Os homens na frente e as beatas tudo atrás”.

Roberto DaMatta, dentre as diversas reflexões que faz em seu livro “*Carnavais, Malandros e Heróis*” (1987) lança um olhar em direção das peculiaridades do tipo renunciador brasileiro, especificamente o nordestino que, ao renunciar as coisas do mundo vai na busca de uma “*nova missão*” e cujo paradigma normalmente passa a ser Cristo posto que Ele também renunciou. E, não há dúvida que Antonio Conselheiro atualizou o paradigma de Cristo, tendo vivido sua agonia, renúncia e glória. Num sentido preciso, ele segue as observações de DaMatta, quando ele remarca que:

“O renunciador abandona totalmente sua sociedade e na sua grande maioria, ele segue na busca da santidade. Essa aproximação com os santos que o renunciador busca se dá através da renúncia ao alimento, da sexualidade, da mortificação e, desta forma ele passa a viver solitariamente destinando seu tempo às rezas” (Damatta, 1987, p.267).

Ilumina-se, assim, que a vida dos renunciadores no Ocidente seguem a mesma estrada dos santos, esta, a estrada seguida também por Antonio Conselheiro. Daí ele seguir a fórmula indicada por Roberto DaMatta:

“Seus instrumentos de relação com o mundo passam a ser as rezas – ele caminha e reza procurando a terra da promessa onde os homens finalmente poderão realizar seus ideais de justiça e paz social (...) eles estão voltados para outro mundo” (DaMatta, 1987, p.265).

Diante dessa premissa, explica-se a necessidade que a pessoa comum, mais especificamente, no caso aqui estudado, o de Antonio Conselheiro, de buscar na religião a sua salvação. Ao renunciar ao seu passado ele passa a viver uma vida de humildade, de abnegação e de pobreza quebrando conceitos maiores. Foi assim que fez Cristo em sua renúncia ao mundo.

O historiador irlandês Peter Brown (1990), em seu livro “*Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*”, empreende uma análise sobre o importante período da consolidação da mentalidade cristã na transição da era pagã à era cristã. Seu foco gira em torno das discussões, na chamada *Igreja Primitiva*, da sexualidade e da espiritualidade ou seja, a continência sexual, os jejuns, peregrinações, messianismo, celibato e

virgindade. Conforme diz Brown (1990), desde os primórdios da Cristandade que os ideais de humildade, virgindade e castidade em louvor do Reino de Deus foram motivo de admiração. Essa escolha era feita por fiéis de ambos os sexos que abraçaram uma vida de renúncia como plena imitação de Cristo e que, para além dos votos referidos, praticavam a oração e a mortificação paralelamente com obras de misericórdia. A aspiração pela pureza religiosa, já no século IV era perseguida pelos chamados “homens do deserto”, os anacoretas ascetas, os “renunciadores cristãos” que se afastavam das cidades em direção ao deserto. Lá faziam celas escavadas nas depressões das dunas até atingirem água salobra. Pretendiam assim que suas habitações fossem túmulos, onde o religioso estaria “morto” para o mundo. Um dos principais objetivos destes ascetas era afastarem-se das mulheres e principalmente do desejo sexual. (Brown, 1990, p. 96).

As fraquezas humanas eram combatidas com uma disciplina muito rigorosa. Em tempos de perseguições o ideal era representado pela morte por Cristo, com o martírio. Depois, do século V, procurava-se outra morte: a renúncia ao mundo e a solidão no deserto. A vida eremita constituiu por muitos anos o refúgio preferido por eles. Inicialmente eram autônomos como os primeiros pioneiros do oeste americano, depois se tornaram organizados por uma regra ascética, que fixava tempos de jejum e oração na vida parcialmente comunitária, que mitigava a rígida separação de seus semelhantes. (Brown, 1990, p.187).

A pobreza voluntária, na Idade Média foi também um mecanismo de renúncia à ordem social. Esse tipo de “pobre” era aquele que podia dizer não e escapar à ordem social estabelecida. Ao adotar a pobreza, a pessoa torna-se um renunciante das coisas do mundo através de um conjunto extremado de votos que o tornavam parte de uma “ordem religiosa” – o “voto de pobreza”.

Um exemplo modelar de renúncia voluntária pela pobreza encontra-se na vida de São Francisco de Assis (1181-1232), um dos mais cultuados pela Igreja Católica na tipologia santoral. Nascido na Itália e filho de pais abastados foi criado em um ambiente de luxo e vaidade. Seu pai, um rico comerciante de tecidos, sonhava fazê-lo homem de negócios, porém renunciou à toda espécie de luxo e riqueza, como um exemplo de ruptura com a ordem estabelecida. Iniciou uma vida de absoluta pobreza cujo modelo ideal era representado pela pobreza de Cristo. Comparava-se à Ele vestindo apenas roupas simples e por vezes, completamente nu. Entendia que a pobreza deveria ser levada até os limites da

necessidade numa versão de pobreza tão radical que ela simbolizava, na acepção do antropólogo Victor Turner “a ausência literal da propriedade”. (Turner, 1974, p. 176).

Malcolm D. Lambert, em “*Franciscan poverty*” (1961, in: Turner, 1974, p.177) faz uma descrição importante da noção de absoluta pobreza de São Francisco de Assis:

“A figura principal no espírito de S.Francisco... é a imagem do Cristo nu... A nudez era um símbolo de grande importância para S.Francisco. Usava-o para marcar o começo e o fim de sua vida convertida. Quando quis repudiar os bens de seu pai e entrar para a religião, ele o fez despindo-se e ficando nu no palácio dos bispos em Assis. No fim da vida, quando morria em Porciúncula, obrigou seus companheiros a despi-lo, a fim de que pudesse enfrentar a morte sem roupas, no chão da cabana... Quando dormia, era sobre a terra nua... Por duas vezes, preferiu abandonar a mesa dos frades e sentar-se na terra para comer sua refeição, impelido em cada uma dessas ocasiões, pelo pensamento de pobreza de Cristo”.

O pressuposto básico, tomando-se a noção da absoluta pobreza de São Francisco de Assis, é que ele constituiu-se como um sinal de comportamento liminar. Ao tomar a concepção de Turner (1974) sobre liminaridade como uma condição espiritual permanente, pode-se encontrar um espaço para um personagem que socialmente não se encaixa em um papel específico. Assim, a vida de total pobreza de São Francisco de Assis pode ser enquadrada nesse contexto. Segundo Turner (1974), os atributos de São Francisco de Assis que o aproximam do sujeito da liminaridade espiritual seriam o seu comportamento humilde e bondoso; seu sentimento com relação à humanidade; o descuido pela aparência pessoal, o levar ao máximo as atitudes religiosas, a suspensão dos direitos e das obrigações de parentesco, aliada a "poderes sobrenaturais" como ouvir Deus, sonhar com acontecimentos futuros e ter pressentimentos.

Victor Turner (1974), ao propor que a sociedade seja analisada enquanto processo ritual indica que a vida social é feita por processos de homogeneização e diferenciação, dinamizados por passagens de uma situação baixa para outra mais alta. Sendo que a qualidade diferenciadora que permite a passagem diz respeito aos atributos adquiridos em situações liminares, a exemplo dos “ritos de passagem”, pois eles são feitos de experiência iniciática, aprendizagens que levam o “neófito” ao reconhecimento de dependência em relação à fonte de poder sagrado, dando-lhe a experiência de humildade e de ausência de modelo de

diferenciação social, naquele tipo de sentimento de integração com o todo, propiciado pela *communitas*.

Dentro do contexto de "*communitas*", (Turner, 1974), ao fundar uma ordem de mendicância, São Francisco de Assis identifica-se com o que ele chamou de "*communitas existencial*" dada a sua condição de extrema pobreza, a mesma pobreza imposta aos participantes da ordem por ele fundada numa tentativa de enunciar claramente as condições sociais ótimas nas quais seria importante esperar de seus participantes que a sua *communitas* se multiplicasse e se organizasse em um sistema social duradouro.

Outro modelo de renúncia voluntária pela pobreza é encontrada em Santo Antão, o "Santo da Renúncia", ou Santo Antonio, o santo de devoção de Antonio Conselheiro na sua vida de renúncia. Nascido no século III, no Alto Egito, de rica família cristã, após precoce orfandade, distribuiu seus bens entre os pobres e estabeleceu-se no deserto, jejuando, autoflagelando-se, para vencer seus inimigos. René Fulöp-Müller (1948), mostra o conflito básico na vida de Santo Antonio: sua vida constitui-se em um conflito eternamente que não pode ser evitado por quem quer que lute por obedecer ao chamado de sua natureza mais elevada: a luta entre a tentação carnal e a espiritual. Ao participar de um ato litúrgico ouviu as palavras de Jesus: "Vai vender tudo que tens, distribui o dinheiro aos pobres e terás um tesouro duradouro no céu; então vem e segue-me!". O jovem atende ao chamado divino, vende sua herança e doa tudo para os pobres e coloca sua única irmã em um asilo, renunciando ao mundo e, assim, inicia sua vida de renúncia em uma total privação pela pobreza.

Contudo, não se pode esquecer aqui o lado feminino de renúncia e abnegação total pela pobreza: trata-se das "Irmãs Carmelitas Descalças". A "Ordem das Carmelitas Descalças" é uma Ordem da Igreja Católica Apostólica Romana que nasceu por volta do século XI no Monte Carmelo na Palestina construído pela Santa Teresa D'Ávila. Entre os princípios das "irmãs" carmelitas está a simplicidade: a expressão *descalça*, significava "vida rude e pobre", nos termos da época. Assim, Santa Teresa D'Ávila, ao desejar que a ordem voltasse ao rigor primitivo, ou seja, a uma vida de mais oração, de pobreza, desapego e simplicidade, estava querendo despi-las de qualquer forma de vaidade. As monjas que aderiam aos movimentos reformistas ditos "descalços", o faziam para demonstrar seu desejo por uma vida de maior pobreza, sobriedade e sacrifício.

Geralmente passavam a usar hábitos mais rudes, feitos de panos grosseiros, ásperos e pobres e, andavam descalças, visto que sapatos, naquela época, eram tidos como “objetos de luxo”, símbolos de uma vã vaidade.

Enclausuradas e mergulhadas em profundo silêncio contemplativo, às “irmãs carmelitas descalças” não era permitido deixar o convento, somente em casos especiais e as visitas à família eram proibidas. Os familiares podiam vê-las uma vez por mês, mas com o passar dos anos este contato tendia a se tornar escasso. Deveriam ser capazes de viver na solidão e estarem abertas à intimidade com Cristo, buscando na oração e na mortificação, como participação ativa em sua paixão redentora.

No Brasil, dentre os tipos renunciadores que se evidenciaram, o mais conhecido do povo está Chico Xavier, um renunciador modelar cujos percalços biográficos nunca permitiram que construísse ou optasse por uma história individual: ele viveu sua vida no cumprimento de uma *missão programada*, no eixo cristão do sacrifício e da doação ao outro. Chico Xavier é freqüentemente representado como o “homem coração”, o que demonstra uma renúncia à individualidade material ou à fixação de laços e compromissos numa rede de relações de amizade ou de parentesco. Nesse sentido propõe-se que o modelo mítico atualizado em sua biografia busca realizar uma síntese entre os paradigmas culturais que Roberto DaMatta (1987) denominou de “renunciante” e de “caxias”²: dificilmente uma vida reuniu numa única pessoa a renúncia e a adequação resignada às normas de disciplina no mundo secular.

Também os padres, com sua vida votiva de castidade (renúncia à reprodução e ao prazer físico), de pobreza (renúncia às glórias deste mundo) e de obediência (renúncia à própria individualidade com seus espaços internos), podem ser vistos como fazendo parte da gama de renunciadores, porém estão enquadrados e legitimados pela a própria Igreja Católica Romana em sua ideologia institucional (DaMatta, 1987, p.268).

No Brasil, tem-se o exemplo do padre Cícero Romão Batista, (1844-1934) - contemporâneo de Antonio Conselheiro – chamado de o “Meu Padrinho”, o “Padim Cíço” pelos seus adeptos. Nascido na região do Crato no interior do

² Na análise sociológica feita por Roberto DaMatta em seu livro “*Carnavais, Malandros e Heróis*” (1987), o autor identifica três tipos paradigmáticas presente na sociedade brasileira, sendo um deles o “caxias”. Na análise dammatiana, o “caxias” é aquele personagem que vive dentro da ordem e que obedece uma hierarquia.

Ceará, com doze anos de idade fez o voto de castidade, influenciado pela leitura da vida de São Francisco de Assis como ele próprio afirma no seu testamento. Em 1889, ocorreu a primeira manifestação dos poderes milagrosos a ele atribuídos, quando a hóstia colocada na boca de uma beata se transformou em sangue.

Quando recém-ordenado, instalou-se em Juazeiro e lá encontrou “um antro de ladrões de cavalos, ébrios e desordeiros, amancebados, habitando na rua”. (Queiroz, 1977, p. 254). Durante quase vinte anos, Padre Cícero dedicou-se à recuperação do povo daquela região, catequizando-os.

“Sua existência era quase nômade; maltratado, a batina com remendos, cabelo e barbas crescidos, apoiado a um cajado, andava em peregrinação de sítio em sítio, de casa em casa, em constantes missões, pregando, apaziguando brigas, organizando terços, novenas e procissões, procurando remediar o abandono em que vivia aquele povo” (Montenegro, 1959, p.50).

Alcançou renome de padre dedicadíssimo, conselheiro e protetor dos inválidos. Recusava receber pagamentos pelas cerimônias religiosas – outro sinal de quem realmente renunciara aos bens materiais do mundo. Sua castidade, num meio em que era normal vigários e capelões formarem famílias numerosas, aumentavam o respeito que lhe era dedicado. Promoveu a melhoria do povoado atraindo para o local que criara no interior do Ceará, centenas e milhares de romeiros, tornando, assim, Juazeiro um dos mais importantes centros citadinos do Estado. (Queiroz, 1977, p. 254).

Um outro lado a ser pensado no indivíduo renunciador é que ele também abre possibilidades para caminhos novos, caminhos de criação como o fizeram pintores famosos como Gauguin, este que rejeitou o “mundo das luzes” e foi realizar sua obra maior, solitário, desprovido de qualquer elemento constitutivo de valores, tanto material quando físico em uma ilha paradisíaca e lá permaneceu. Thomas Mann (1980) foi capaz de mostrar através de sua obra, que a renúncia ao mundo é fonte de criação, e não a sua morte. O problema da renúncia do mundo não é sinônimo de apatia diria Nietzsche, ou de contemplação.

Iluminou-se neste capítulo diferentes formas de experimentar uma vida de renúncia. Ela, por vezes, engendra fases, horas, momentos, aos quais o indivíduo pode sequer se dar conta que está renunciando a alguma coisa por uma outra coisa. É uma catarse que se delineia sem que, em muitos momentos, o indivíduo não se dá conta que precisa, opta ou mesmo vê-se obrigado a renunciar.